

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Instituto de Psicologia

A criatividade
na obra de Winnicott

Monografia de conclusão do curso de graduação

Aluna: Mariana de Toledo Barbosa

Orientadora: Maria Teresa da Silveira Pinheiro

Novembro/2004.

**“ – Um dia será o mundo com sua impersonalidade soberba
versus a minha extrema individualidade de pessoa
mas seremos um só”.**
Clarice Lispector.

Prefácio:

Um convite à dança da criação

Este trabalho nasce de um espanto e de um fascínio, de uma desarrumação, onde o espaço para a vida parece ter-se multiplicado de tal forma, que suas fronteiras já se dispõem como horizontes misteriosos, que se lançam infinitamente a um fim que nunca se atinge.

Tal é o convite proposto por Winnicott: habitar o grande salão da vida, e prosseguir nesta dança criadora, numa eterna renovação coreográfica, num fazer e refazer de si e do mundo. Esta experimentação perpétua de formas e ritmos, de posturas e passos, de cores e pares, denuncia o encantamento em que foi envolvido o próprio autor, como se a vida fosse a sereia de mais sublime voz, e o incitasse ao grande desafio da criação. “Crie-me! Crie-me!” – sussurrou-lhe docemente a criatura mítica. E foi assim que Winnicott pôs-se a compor odes à vida, cantos da criação, e tentou, com algum sucesso, nos envolver neste empreendimento tentador e assustador. Começou então a bradar as palavras da vida: “Criem! Criem a vida!”.

Alguns ouviram e deixaram o murmúrio escapar rapidamente pelo tímpano oposto. Outros pararam por um instante, e armazenaram os sons em algum baú esquecido e empoeirado. Mas há os que não escaparam ilesos, e foram capturados pela melodia que entoa perenemente a dança de suas vidas.

Introdução:

Uma inspiração

O presente trabalho é fruto de diversos encontros: dentre eles, o meu encontro com um grupo de pesquisa¹, com a minha orientadora, assim como com o próprio autor que inspira toda essa discussão – Winnicott. Este me foi apresentado no sentido de lançar luz sobre questões da clínica psicanalítica contemporânea, que vêm provocando estranhamentos e produzindo diversos trabalhos acadêmicos.

Vem sendo recolhida nos consultórios uma abundância espantosa de queixas e relatos que indicam formas de sofrimento e organizações subjetivas consideravelmente distintas das descrições freudianas da passagem do século XIX para o século XX. Freud possuía uma clínica predominantemente composta por casos de histeria, cujo trabalho analítico era alinhavado, em geral, tomando-se como pontos-chaves o triângulo edípico e a sexualidade. Lacan, posteriormente, deu seguimento à sua teoria estrutural adotando igualmente como balizadores os mesmos critérios: o complexo de Édipo e o primado do sexual.

O que vem sendo constatado atualmente é um aumento notável de pacientes que trazem em sua fala uma problemática que se aproxima muito mais das questões relativas ao narcisismo do que à trama edípica. Estes pacientes sempre estiveram presentes nos consultórios psicanalíticos, mas não respondiam, até então, por tão expressiva parcela dos casos atendidos, ao menos não no Brasil.

Dentre os teóricos de maior relevância da psicanálise, um dos que imprime ênfase às questões de constituição do eu é Donald Woods Winnicott. Em sua teoria do

¹ A pesquisa em questão chama-se “Comparação Clínica e Metapsicológica entre Pacientes Melancólicos e Portadores de Lúpus Eritematoso Sistêmico”, e tem como orientadores a professora do Programa de Pós-Graduação de Teoria Psicanalítica / Instituto de Psicologia / UFRJ, Teresa Pinheiro – também orientadora desta monografia – e o professor do Instituto de Psiquiatria / UFRJ, Júlio Verztman.

desenvolvimento emocional, ele tenta dar conta dos primórdios da vida do sujeito, e das condições para a conformação de um eu que seja sentido como real e significativo. Busca apontar a imprescindibilidade de um ambiente confiável, de uma mãe dedicada, para que se erija um eu enriquecido permanentemente pelo fazer criativo.

Da mesma forma, traça as diversas falhas do ambiente e as ansiedades correspondentes pelas quais o bebê passa, caso sua mãe não seja suficientemente boa. Discorre extensamente sobre as conseqüências decorrentes dessas falhas, mas sempre sublinhando a possibilidade de instaurar, ou re-instaurar, o espaço para um viver criativo², no contexto do tratamento analítico.

Por sua dedicação à clínica e seu empenho em transformar em teoria o aprendizado com seus pacientes, Winnicott nos abre uma via de compreensão dos sujeitos contemporâneos que freqüentam os consultórios das cidades brasileiras. Muitos pacientes do século XXI apresentam em comum com os de Winnicott a ameaça constante de descontinuidade – de rompimento de suas existências – assim como uma espécie de atrofia de suas potencialidades criativas.

O psicanalista inglês, em seu brincar incansável, nos presenteia com diversas considerações a respeito da subjetividade humana, ao falar sobre ser, existir, criar. Mergulhar em sua teoria é a abrir uma porta – ou diversas – para um fazer clínico criativo e para um viver criativo dos sujeitos contemporâneos.

² Winnicott acredita que o viver criativo é uma maneira que o organismo tem de viver a seu modo. A sua visão sobre o objetivo da vida ultrapassa a perspectiva freudiana, uma vez que adiciona à idéia de que o organismo visa morrer a seu modo, esta concepção de que ele tenciona viver a seu modo, o que inclui viver a própria morte. (Phillips, 1988, p.22).

Winnicott: a criação de uma teoria

O fato de Winnicott ser o primeiro pediatra inglês a se aventurar pelas veredas da psicanálise transparece em sua forma peculiar de encarar a subjetividade humana e os primórdios do desenvolvimento infantil.

Atendia a um numeroso grupo de pacientes, o que lhe conferiu uma considerável experiência clínica e uma oportunidade valiosa de observação. Voltava a maior parte de sua atenção à maneira pela qual se relacionavam as crianças com suas mães, e tomava esta relação como paradigma para se compreender a relação do sujeito com o mundo.

O ambiente, na obra de Winnicott, é determinante na construção de um eu “saudável” e significativo, de uma existência verdadeira, de um viver criativo.

“Normal”, “saudável”, “patológico”, são termos utilizados pelo autor, que nem sempre detalha os critérios para decidir o que se encontra em cada uma destas categorias. Entretanto, é evidente, em sua teoria, que “saudável” ou “normal”³ é alguém que dispõe da ponte que liga o sujeito ao mundo, ou seja, que exercita sua potencialidade criativa na área de ilusão; enquanto que “patológica” é a ausência ou diminuição desta capacidade de criar o próprio viver, e do espaço onde esta capacidade se atualiza em experiência

“Doença”, para Winnicott, é a inibição da espontaneidade potencial que caracteriza a vitalidade de uma pessoa. A “psicopatologia” se origina, segundo ele, de quebras na continuidade da existência⁴ durante o desenvolvimento emocional primitivo.

³ Winnicott define normalidade como a saúde do indivíduo e da sociedade em seu artigo “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo” (1963, p. 80). Já em “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*” (1960, p. 137), a normalidade está relacionada à capacidade de habitar a área intermediária entre o sonho e a realidade, espaço da vida cultural.

⁴ Saúde, por sua vez, está relacionada a ser e sentir-se real. (Winnicott, 1967, p. 18).

Resulta de intrusões e privações proporcionadas por falhas da provisão parental, que colocam obstáculos à maturidade, e impõem ao bebê que se submeta ao ambiente⁵.

Winnicott era tido como o representante da realidade externa na Sociedade Psicanalítica Britânica (Phillips, 1988, p. 61), por ressaltar insistentemente a relevância do mundo circundante não somente no delineamento inicial do eu, assim como no enriquecimento da existência ao longo de todo o decorrer da vida.

Se para Freud (1930), a realidade é frustrante, pois impõe restrições pulsionais, para Winnicott, é potencialmente dadivosa e tem a função de assegurar limites à fantasia⁶. Do ponto de vista do autor inglês, não há nenhum contra-senso em se usar a realidade externa para a satisfação. A maturidade no desenvolvimento emocional implica em socialização, em identificação com a sociedade em que se vive, a qual se aceita e se altera, sem prejuízo demasiado da espontaneidade⁷. A cultura se coloca como um meio de realização do *self*, e não como uma renúncia pulsional compulsória.

A ênfase dada por Winnicott à continuidade da existência e ao desenvolvimento emocional se contrapõe fortemente ao relevo atribuído por Freud à descarga sexual⁸ e ao conflito entre as pulsões de vida e de morte. No legado freudiano, as pulsões e o inconsciente respondem pelas principais articulações, e não há uma proposição de *self* unitário. Em Winnicott, por sua vez, tudo gira em torno do *self* enquanto parceria psicossomática que tem como raiz o corpo – sendo este mais um delimitador de um espaço interior por meio da pele-membrana do que um corpo erótico. A pulsão

⁵ “[...] nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida” (Winnicott, 1971, p. 95).

⁶ Trata-se aqui da acepção winnicottiana de fantasia como devaneio, modalidade fantasmática que tende a promover o isolamento do sujeito. Esta noção de fantasia é bastante desenvolvida no capítulo “Sonhar, Fantasiar e Viver” do livro “O Brincar e a Realidade” (1971).

⁷ Winnicott, 1963, p. 80.

⁸ Winnicott marca sua posição claramente em relação à sexualidade ao escrever: “O que é a vida? Não preciso saber a resposta, mas podemos chegar a um acordo: ela está mais próxima do SER do que do sexo”. (1967, p. 18).

designada como impulso por prazer é subsumida aqui à pulsão entendida como impulso no sentido do desenvolvimento, da maturidade.

É partindo desta perspectiva teórica que Winnicott inverte a proposição de que a satisfação pulsional⁹ possibilita a relação da criança com a mãe, afirmando que, ao contrário, é a relação mãe-bebê que torna a satisfação pulsional possível, o que ratifica o papel determinante do ambiente. A noção de gratificação cede lugar à de ‘significância’ (*meaningfulness*) como critério para a satisfação pulsional. A vida pulsional só tem satisfação frente à presença de uma mãe que dê suporte ao bebê para que este organize suas experiências e perceba ‘significância’ (*meaningfulness*) nelas; apenas quando incluídas na catalogação do *self*, podem as experiências pulsionais encontrar satisfação. É neste sentido que Winnicott surpreende os psicanalistas ao tratar as pulsões como possíveis complicações para as necessidades mais fundamentais de relacionamento. Isto ocorre quando as experiências pulsionais não são abarcadas pelo arcabouço do *self*.

A terapia psicanalítica, entendida a partir do enfoque do autor inglês, consiste em conectar partes dissociadas do *self*, constituir ou restituir a continuidade da existência. O abandono da concepção clássica de tratamento com o fim primordial de interferir nos recalcamientos é bastante revelador no que se refere à postura de Winnicott em relação à tradição: parte-se dela para fazer algo diferente. Winnicott é o que Deleuze chama de traidor¹⁰: ele rompe com sua classe psicanalítica nos pontos mais vitais, e força o nascimento de abordagens indubitavelmente originais; trai com elegância aqueles a quem mais admirou e que mais o influenciaram – Freud e Klein.

⁹ Na edição inglesa das obras completas de Freud, a palavra alemã *Trieb* foi traduzida por *instinct*. O correspondente em português para *Trieb* é *pulsão*, e para *instinct*, é *instinto*. Com o intuito de evitar me aprofundar em discussões acerca da tradução, e levando em consideração o fato de que Winnicott empregava o termo *instinct* (*instinto*) muitas vezes no sentido de *pulsão*, estes dois termos serão adotados, no presente trabalho, de forma indistinta.

¹⁰ “Ser traidor de seu próprio reino, ser traidor de seu sexo, de sua classe, de sua maioria – que outra razão para escrever? [...] É que traír é difícil, é criar” (Deleuze & Parnet, 1978, p. 58).

No que tange à técnica, o psicanalista inglês é um crítico incansável do abuso interpretativo, demonstrando franca discordância com Melanie Klein e seus seguidores. Valoriza o uso da interpretação, e não a interpretação em si; e faz face à superinterpretação, depositando confiança na natureza, na tendência natural que os seres humanos supostamente têm de se desenvolverem, caso o ambiente seja facilitador. Em seu consultório, é o brincar que ocupa o maior espaço, em detrimento da interpretação – que, entretanto, não é descartada. A resistência do paciente é, para ele, fruto da falha do analista em propiciar um ambiente confiável para que se possa brincar. Para alargar delicadamente a área de ilusão, o analista tem que ter paciência e permitir que o paciente siga em seu ritmo¹¹ próprio. O analista não passa de um observador, cuja função é interferir o mínimo possível. Seu trabalho se faz presente principalmente no acolhimento do *nonsense* que vem à tona e que não deve ser interpretado. A confiança precisa ser calmamente tecida para que o brincar se reverta de potencialidade para experiência no *setting* analítico¹².

Uma das marcas mais incríveis e peculiares de Winnicott é seu interesse pela vida, e a convocação que faz a seus colegas para que não percam de vista o principal: “ainda temos de enfrentar a questão de saber sobre o que versa a vida” (Winnicott, 1971, p. 137).

Esta obstinação em buscar o valor da vida – em tentar traçar na vida o que a reveste de valor –, não faz com que Winnicott caia numa postura ingênua, e busque reverter a vida no “jogo de contente”, tal como fez a personagem Poliana (Porter, 1913). Não se trata de uma busca equivocada por uma felicidade incondicional como

¹¹ Este tempo em que se faz necessário testar o ambiente para assegurar que ele é confiável é descrito por Winnicott como “período de hesitação”.

¹² Khan (1971), em um caso clínico publicado, descreve detalhadamente a construção da confiança e do espaço de ilusão que possibilitam o brincar.

fundamento da vida, mas da afirmação de tudo o que vivemos, em que se abraça o sofrimento como mais uma das vicissitudes de um viver criativo¹³.

A teoria de Winnicott escreve a vida, não apenas escreve sobre a vida. É uma teoria viva, produto da potencialidade criativa e da afirmação da vida do próprio autor. Nela, se ouvem fogos comemorativos e grunhidos dolorosos, porém não menos festivos, pois igualmente afirmam a grande façanha da vida criativa, da criação vital.

Fitzgerald (1936), em um de seus contos, alega que a indicação de uma inteligência de primeira ordem se dá por meio da “capacidade de manter no espírito duas idéias opostas, ao mesmo tempo, sem perder a capacidade de funcionar”. Winnicott, de certa forma, endossa este ponto de vista ao desenvolver sua teoria com base na aceitação de diversos paradoxos, entre eles, um fundamental (1971, p. 10): criamos o mundo ao encontrá-lo, ao nos depararmos com ele, ao nos colocarmos em contato com o que já estava presente anteriormente. Este paradoxo não pode, ou não deve, ser resolvido, se quisermos preservar a riqueza da contribuição do autor. É extremamente relevante que as duas idéias opostas – a criação do mundo, e sua prévia existência – permaneçam no espírito por toda a vida.

Reconhece-se facilmente a diferença entre Fitzgerald e Winnicott: para o primeiro, o paradoxo é prerrogativa dos homens mais inteligentes, e nesta categoria, certamente poderíamos incluir o psicanalista inglês; este, no entanto, localiza o paradoxo na raiz da criatividade humana e o inclui na vida de cada sujeito. Viver criativamente – diria ele – é criar o mundo que existe, e se criar a partir dele. O paradoxo, para o escritor, é prova da inteligência de alguns, enquanto que, para o

¹³ “A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão *vivendo a sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas”. (Winnicott, 1967, p. 10).

psicanalista, está mais atrelado à possibilidade criativa de todos, com as diferenças proporcionais devidas.

A criatividade ocupa um lugar central na produção winnicottiana: a criatividade teórica e clínica do próprio autor, e a criatividade humana, deusa da fertilidade da vida, atributo de cada um. Winnicott enxerga na vida seu enorme potencial criativo, sua generosidade de formas, sua proliferação do novo, sua germinação variada. Cria-se o mesmo em algo sempre renovado, e os criadores somos nós próprios: criadores do mundo, dos nossos eus, da vida.

“Um bebê não existe”

Possivelmente por ter trabalhado com crianças durante toda a sua vida, o psicanalista inglês estabeleceu como um de seus principais objetivos teóricos o desenvolvimento de uma concepção genética do viver criativo. Ele visa compreender em que condições o sujeito pode abrir caminho para o exercício de sua criatividade.

Ao longo de todo o seu percurso, uma resposta ressoou altissonante e insistente: para viver criativamente, depende-se de um ambiente suficientemente bom, e este ambiente é encarnado por uma mãe suficientemente boa nos primeiros ensaios da vida.

Pode-se, desde então, começar a vislumbrar uma interpretação a esta afirmação impactante: “Um bebê não existe”. Um bebê não se confronta com os primeiros desafios de sua existência enquanto uma individualidade, já que ele não existe sozinho; em sua perspectiva, sua mãe e ele formam um bloco inseparável, uma única massa viva e amorfa.

Neste momento de dependência absoluta, em que a célula é composta pelo indivíduo mais o ambiente, o bebê conta com uma mãe suficientemente boa. Esta não precisa ser perfeita, infalível. A “mãe devotada comum” se encaixa nessa categoria, o que indica que se exige da mãe apenas que ame o seu filho, que se dedique a ele, que tente lhe satisfazer as necessidades e se identifique com ele.

A identificação de que Winnicott fala nesta fase da vida do bebê é a identificação primária que, segundo seu ponto de vista, precede o “estar-em-união-com”¹⁴, uma vez que o bebê e a mãe *são* um; até aqui, não houve nada senão identidade¹⁵.

Em fins de gravidez e nas primeiras semanas de maternagem, as mães costumam ser acometidas pela “preocupação materna primária”, descrita como um estado transitório em que elas vivem exclusivamente para seus bebês. Nem todas as mães são capazes de tal envolvimento com o que concerne aos cuidados maternos. Este é um dos balizadores que diferenciam uma “mãe suficientemente boa” de uma “mãe não suficientemente boa”.

A “preocupação materna primária” é de suma importância para o desenvolvimento emocional primitivo do bebê e pode ser comparada a uma patologia que dura algumas semanas e tende a ser superada sem nenhuma terapêutica específica, como se o passar do tempo desse conta de restabelecer à mãe o interesse pelo restante de seus afazeres cotidianos, para além de cuidar de seu filho.

Em contrapartida à dependência absoluta do bebê, a “mãe suficientemente boa” sente-se ela própria dependente e parte dele. Ela, igualmente, enlevada pela “preocupação materna primária”, sente formar um bloco com o filho, e tenta adaptar-se

¹⁴ Esse estado precoce da relação mãe-bebê também é designado como ‘narcisismo primário’, noção que assume em Winnicott um significado diferente do freudiano. (Abram, 1996, p. 240).

¹⁵ Esta identificação primária é extremamente relevante para o restante das experiências de identificação subsequentes (Winnicott, 1971, p. 114).

ativamente a ele, atender às suas necessidades, buscando, por meio da identificação, adivinhar aquilo de que ele precisa. Há um enorme prazer por parte da mãe nesse cuidado, e sua consagração a configura como um ambiente perfeito¹⁶.

Apesar da forte influência que Darwin exerce sobre ele, Winnicott não defende a adaptação do recém-nascido ao ambiente. Muito pelo contrário, ele isenta o bebê desta tarefa, indicando o risco que uma adaptação precoce oferece ao *self*. É o ambiente primitivo – encarnado pela mãe – que deve se adaptar ativamente à criança e à satisfação de suas necessidades. Apenas desta forma é estabelecida uma relação significativa e satisfatória com a realidade externa.

Em sua dedicação exclusiva ao bebê, a mãe geralmente consegue provê-lo daquilo de que precisa, ou reparar a própria falha num tempo muito curto, exercendo o que se descreve como “maternagem suficientemente boa”. Um dos fatores para que isso se realize é que o ambiente suficientemente bom seja garantido pelo pai, que permite que a célula mãe-bebê fique momentaneamente isolada das perturbações estranhas a ela. Este é um dos raros pontos em que Winnicott ilustra a participação do pai no desenvolvimento emocional infantil¹⁷.

Se a relação primitiva com a mãe for marcada por reciprocidade e por cuidados maternos, a criança torna-se apta a depositar uma certa confiança na fidedignidade não só do ambiente primário, representado pela mãe, assim como nas formas futuras do ambiente e do mundo externo. Apenas nesse cenário, é possível arquitetar um espaço e um tempo para o viver criativo.

¹⁶ A dedicação materna faz com que seja possível à mãe suficientemente boa corrigir suas falhas dentro de um limiar temporal suportável para o bebê. É esta capacidade que a configura como ambiente perfeito, mesmo levando-se em conta sua falibilidade.

¹⁷ A relegação winnicottiana da figura paterna ao segundo plano constitui mais uma dissonância entre Freud e Winnicott.

Da apercepção à percepção: a possibilidade do viver criativo

Segundo a perspectiva winnicottiana, a relação do sujeito com o mundo não está dada desde sempre, tal e qual se apresenta na vida adulta; ela deve ser construída. Isto é o mesmo que afirmar que, inicialmente, o bebê não percebe objetivamente o mundo, não consegue demarcar as fronteiras que localizam o mundo fora do eu, como algo a ser compartilhado¹⁸ com outros. Não há nem mundo nem outros, uma vez que o espaço exterior ainda não foi delimitado. Esta fase anterior à percepção objetiva é dominada pela apercepção.

Este estágio primitivo do desenvolvimento infantil designa uma forma de estar no mundo em que este é tomado como parte ou produto do próprio eu. Ainda não está presente o teste de realidade, de forma que o bebê crê que tudo o que encontra é criação sua e está sob o seu controle mágico. Os objetos são tidos como subjetivos e o bebê exerce sua onipotência sobre eles.

A apercepção criativa caracteriza, desta maneira, a relação com a mãe e com o ambiente desde o início, e perdura mesmo após a aquisição da percepção – atendida a condição de que o desenvolvimento emocional do bebê transcorra sem maiores percalços.

A percepção objetiva do mundo, por sua vez, é uma percepção compartilhada com os outros, em que o que é percebido passa por uma verificação que o confirma como real. Para que o bebê se torne apto a perceber objetivamente, é necessário que ele já esteja submetido ao teste de realidade.

¹⁸ Segundo Phillips (1988, p. 119), o que Winnicott chama de realidade compartilhada é, em verdade, o compartilhamento de ilusões, a sobreposição de preocupações individuais. O autor fundamenta seu argumento lançando mão da idéia winnicottiana de que os grupos se formam com base na similaridade das experiências ilusórias individuais.

Estabelece-se, em geral, um certo contínuo entre apercepção e percepção: o bebê cria o que já se encontra no mundo, ele cria um mundo que está presente. A experiência da apercepção criativa é fortalecida pela percepção objetiva do que se criou, e isto confere ao mundo e ao viver o colorido peculiar da criatividade.

Enquanto o bebê está imerso na apercepção e ainda não se engajou na percepção, tudo o que ele apercebe faz parte do eu, de forma que a apercepção consiste num olhar para si mesmo. A ela deve ser adicionada – e não contraposta – ao longo do desenvolvimento, a percepção, isto é, um olhar voltado para as coisas, para o não-eu, que se localiza externamente às bordas do eu. A criança, antes de descobrir o mundo, de percebê-lo objetivamente, o cria, o apercebe.

Aquilo que direciona para o encontro com o mundo é a agressividade. Não se trata, de forma alguma, de uma agressividade voltada contra alguém, que vise destruição. Está sendo considerada aqui a fase *preconcern*, em que o bebê não tem dimensão dos efeitos de sua agressividade. Ao ser agressivo, ele não está preocupado com as conseqüências de seus gestos: movimenta-se sem determinar uma direção ou uma intenção.

A agressividade em questão é sinônima de espontaneidade, e não coincide com o que Freud denomina pulsão agressiva: não é nem pulsão, nem imperativo de destruição¹⁹.

Na leitura de Phillips (1988, p.109), há duas raízes na vida instintiva, mas não dois instintos. Uma dessas raízes é agressiva e busca oposição; a outra é erótica e busca complementaridade. O componente erótico é o mesmo em todos os bebês, já o componente agressivo é variável conforme as experiências que o bebê vive com o ambiente.

¹⁹ A destrutividade consiste na agressividade não modificada pelo relacionamento com o ambiente. (Phillips, 1988, p. 105).

Denomina-se força vital o correspondente, no campo da agressividade, ao potencial erótico. É esta vitalidade que fornece o sentimento de estar realmente vivo.

Winnicott acredita existir uma energia inata, um imperativo primário poderoso no sentido do desenvolvimento; e a qualidade específica desta energia é a agressividade, responsável por satisfazer o desejo por diferenciação.

A agressividade está na base do desenvolvimento emocional, pois é por meio dela que a relação com outros reais²⁰ pode existir. Ela é componente da expressão primitiva do amor, no que amar denota relacionar-se com objetos externos.

O componente agressivo manifesta-se antes mesmo da integração do eu e coincide com uma motilidade vinda desde o útero. Com a repetição de gestos espontâneos, o bebê acaba por se deparar com oposições. Estes objetos que se interpõem em seu trajeto gestual são os primeiros indicativos de um mundo externo, contra o qual a agressividade-motilidade do bebê vai se voltar, dotando de realidade o ambiente circundante.

Contrariamente a Freud, que defende que o objeto recebe a agressividade do sujeito por ser externo a ele e estar fora de seu controle mágico, Winnicott atribui à sobrevivência do objeto à agressividade do bebê, a inauguração de uma externalidade. O objeto só se torna externo ao receber a agressividade do bebê sem sucumbir à destruição, apontando que o controle da criança não é onipotente, mas apenas um controle por manipulação. No que o objeto sofre a agressividade do bebê sem retaliar, e sobrevive, o bebê passa da relação de objeto para o uso de objeto, em que este é amado por ter escapado à destruição. Existe prazer em se encontrar um objeto real, denso, maciço e manipulável.

²⁰ Real, neste contexto, significa distinto, diferente, no sentido daquilo que faz oposição.

Há, em Winnicott, um reconhecimento precoce do mundo externo – não-eu –, em contraponto com uma interioridade – eu. Todavia, esta separação eu – não-eu, ao invés de se estabelecer de forma definitiva, oscila num vai-e-vem alternado.

O aspecto de realidade conferida à experiência criativa pela agressividade deriva do uso do aparelho motor (e sensório correspondente), por meio do qual o sujeito percebe objetivamente aquilo que criou.

A experiência criativa se engendra a partir de uma necessidade indefinível para o bebê, à qual este responde com movimentos musculares, que o colocam em contato com um objeto exterior responsável por findar com o desconforto provocado pela necessidade. Como exemplo, pode-se figurar um bebê faminto que, em meio a movimentações aleatórias, põe-se diante do seio de sua mãe, que o amamenta e sacia sua fome.

A hipótese de Winnicott é que, diante do desconforto, o bebê está prestes a criar algo que possa abreviá-lo e, neste exato momento, a mãe lhe oferece o seio; ele, então, presume que o seio é criação sua. A participação da mãe ao apresentar o seio torna o desejo do bebê apresentável, e dá forma ao objeto que, criado por ele, tem o poder de dar fim à inquietação e ao incômodo causado pelo surgimento de uma necessidade.

Desta forma, com a repetição do desconforto, o bebê voltará a criar o seio, o que deve ser seguido da apresentação deste para que se confirme sua possibilidade criativa. A repetição da seqüência a percepção criativa – percepção objetiva é o primeiro passo no sentido de um viver criativo, pois instaura a confiança no desejo como fonte de possibilidade.

A parte que cabe à agressividade, enquanto motilidade e espontaneidade, é oferecer meios para a percepção do objeto apercebido, criado. Por meio desta atividade motora, a vida se torna mais rica e permeada de realidade e densidade.

Em termos da repetição da experiência criativa, é necessário salientar que o caráter repetitivo não diz respeito a uma reprodução idêntica de uma experiência vivida anteriormente. A cada percepção do que se criou, adicionam-se novos elementos; a realidade enriquece a criação, disponibilizando com generosidade os seus recursos. O objeto criado nunca é o mesmo: a cada vez que o bebê cria o seio, por exemplo, é um seio diferente, acrescido de novas características, percebido por novos ângulos. Sendo assim, a repetição que lança o sujeito no viver criativo não consiste na reincidência de uma mesma experiência, mas num exercício renovado da criatividade.

A possibilidade do viver criativo se estende da apercepção à percepção, e se sustenta num livre exercício da agressividade. Ser agressivo é encontrar, perceber o mundo que se criou, e atribuir a ele uma realidade que confere à vida um valor. O viver criativo decorre do sucesso da experiência da agressividade²¹ e do par apercepção-percepção, e proporciona um sentido de existência e um sentido para a existência.

Ilusão e desilusão: a construção do lugar em que vivemos

A noção de ilusão remete a uma coincidência entre o que é criado pelo sujeito e o que lhe é apresentado pelo ambiente. Nos primórdios da vida infantil, a mãe representa o ambiente, e tem como uma de suas funções iludir o bebê, ou seja, apresentar-lhe um objeto no exato momento em que ele o cria, de modo a tornar presente a ilusão de que ele pode criar o mundo à sua volta. Na experiência criativa, a ilusão emerge no momento em que a apercepção e a percepção sobrepõem-se, e a agressividade encontra a oposição do objeto apresentado pela mãe.

²¹ O sucesso em relação à agressividade se refere a um ambiente que não retalia, e que mantém seu acolhimento mesmo em face dos gestos agressivos. Quando isto não ocorre, pode-se forjar uma organização falso *self*. Este tema será abordado em um tópico mais adiante.

Previamente às experiências de ilusão – que permitem o translado entre apercepção e percepção e criam um acesso à realidade –, o sujeito se encontra imerso na fantasia, num isolamento em que se relaciona apenas com o que é *eu*²², composto pelo conjunto do indivíduo e sua mãe. Na época da apercepção criativa pura, antes da possibilidade da percepção objetiva, ainda não há relação com a realidade. O sujeito transita no registro da fantasia que, na concepção de Winnicott antecede a realidade, ou seja, é prévia ao contato com o mundo externo real.

Em função do potencial criativo – que, segundo Winnicott, é inato – o bebê fica, desde o início, predisposto a alucinar diante de uma necessidade. Isto é o mesmo que afirmar que o sujeito cria o objeto imaginariamente a partir de seu desejo por ele. A ilusão, ao conjugar o objeto alucinado com o objeto apresentado, faz coincidir o desejado com o real²³ e dá margem a uma experiência de onipotência, em que o sujeito sente-se como um Deus²⁴, uma potência criadora que desconhece limites.

Para Winnicott (1971, p. 26), a onipotência não é um estado, mas um fato da experiência, algo que tem que ser vivido e revivido. Garantida por uma certa monotonia por parte da mãe, que impede que o bebê seja assolado por imprevistos incompreensíveis para ele, a repetição da experiência de onipotência gera confiança no ambiente. Este deve ser suficientemente bom para que a onipotência não seja afrontada muito precocemente.

Ao criar objetos do mundo à sua volta, ao praticar seu fazer divino, a criança deve encontrar oposições de objetos apenas em doses com que consiga lidar, e jamais

²² Há que se chamar atenção para o fato de que o termo “eu” está sendo utilizado apenas no sentido de denotar uma identidade do bebê com o mundo circundante, denominada identificação primária. Ainda não se pode falar, neste estágio, do eu enquanto uma unidade integrada, pois o processo de integração é condicionado pela ilusão, não podendo precedê-la.

²³ O objeto da experiência ilusória – o objeto transicional –, ao abarcar características do mundo interior e exterior, se transfigura numa terceira alternativa de objeto e nunca é meramente o substituto de algo.

²⁴ Winnicott utiliza-se desta imagem de Deus em seu artigo “Vivendo de modo criativo” (1986). Freud, por sua vez, em seu texto sobre o narcisismo, discorre sobre a onipotência lançando mão da expressão “sua majestade, o bebê”.

deve ser desafiada com a questão: “Você criou isto ou isto já estava no mundo?”. O paradoxo deve ser sustentado e preservado: o objeto foi criado e já estava presente, é externo e parte do sujeito, é uma possessão não-eu.

A experiência de ilusão, cuja reincidência deve ser garantida pela dedicação atenta da mãe, arquiteta uma área intermediária entre o eu e a realidade externa, onde se dá o exercício da criatividade. A área de ilusão - ou espaço transicional - é um espaço potencial de repouso e experimentação, em que o sujeito está momentaneamente desobrigado de traçar uma linha delimitadora entre o dentro e o fora.

Este terceiro lugar, entre o interno e o externo, entre o eu e o não-eu, é o lugar em que experimentamos a vida, justamente por abrigar a criatividade. Os fenômenos que aí ocorrem - denotados transicionais - são infinitamente variáveis, em contraste com os fenômenos relativamente estereotipados do funcionamento corporal e da realidade ambiental.

Costa (2004, p. 101), influenciado por Bergson, faz uma leitura do espaço transicional enquanto o tempo em que o objeto do desejo está ausente do campo de ação do sujeito. Este espaço indica, nesta concepção, o intervalo temporal entre a criação do bebê, derivada de um desejo, e o encontro, por meio da agressividade, com o objeto sobre o qual age o bebê no sentido de revestir seu desejo de significância (*meaningfulness*).

Os objetos e fenômenos transicionais são arbitrários. Todavia, depois de escolhidos, os pais devem compreender a sua importância, permitindo que o bebê os preserve junto a si sempre que queira, até que eles não mais lhe despertem interesse algum e sejam relegados ao limbo.

Demarcam os primeiros estágios da ilusão e denominam-se transicionais, pois encarnam a transição de uma criatividade primária, onde a atividade é apenas

aperceptiva, para uma percepção objetiva do mundo, que se enlaça com a apercepção criativa. Também se referem à transição da relação do bebê com sua mãe de uma dependência absoluta para uma dependência relativa.

O sujeito inicia – por meio dos objetos e fenômenos transicionais – sua jornada em direção à experimentação. O uso da primeira possessão não-eu é também o primeiro uso de um símbolo e a primeira experiência do brincar – a primeira experiência criativa.

O objeto transicional só pode ser usado, pois porta dois traços indispensáveis: é complacente e resistente. O primeiro destes aspectos convida o bebê a exercitar toda a sua onipotência; e o segundo, indica a solidez do mundo e os limites do corpo e do eu. A relação com o mundo por meio da face complacente do objeto resulta numa satisfação libidinal e se insere no registro do princípio do prazer. Já a mediação pela face resistente leva à satisfação da agressividade motora e do princípio do fazer criativo (Costa, 2004, pp. 118-119).

Os fenômenos e objetos transicionais disponibilizam uma solução não-complacente à perda de onipotência da criança, pois não impõem ao sujeito recém-chegado ao mundo uma submissão e adaptação precoce às demandas do ambiente. Marcam a estréia da passagem do bebê de um controle onipotente do objeto para um controle por manipulação, que abarca um erotismo muscular e um prazer de coordenação (Winnicott, 1971, p. 23).

A utilização dos objetos e fenômenos transicionais se dá em direção inversa à realização alucinatória do desejo: ao invés de adotar o prazer do passado como modelo de gratificação pulsional, abre caminho para um futuro rico em novidades no que se refere a objetos e modos de satisfação.

A ilusão não apenas empurra para o futuro como também cerze o tempo numa continuidade passado-presente-futuro, escrevendo a história do sujeito pela composição

dos tecidos remendados da experiência. É justamente esta costura que estabelece a diferença entre os dois tipos de fantasia que se podem distinguir na teoria winnicottiana: uma pessoal e organizada, relacionada com a história de experiências físicas, excitações, prazeres e dores da infância; outra sinônimo de devaneio (*daydream*), que isola do contato consigo e com os outros, e custa a integração pessoal (Phillips, 1988, p. 59).

A primeira é a fantasia banhada pela ilusão e está em consonância com a expressão da espontaneidade do *self*. A segunda denuncia um colapso primitivo do ambiente de suporte, uma privação que rompe a continuidade da existência e torna necessário um isolamento numa tentativa de auto cura (Phillips, 1998, p. 102).

Além de configurar os primeiros estágios de ilusão, são os objetos e fenômenos transicionais que tornam possível uma outra importante função da mãe: desiludir o bebê, isto é, indicar a ele que sua onipotência é ilusória, que nem sempre ele pode criar os objetos presentes no mundo.

A desilusão se inicia com as falhas da mãe, com seu gradual abandono do estágio de “preocupação materna primária”. Frente a esta nova situação, o bebê tem de abrir mão da dedicação exclusiva de sua mãe, e passar a depender dela apenas relativamente, e não mais de forma absoluta. Nesta modalidade de dependência, por estar fundido com a mãe, não pode se dar conta de seus cuidados; na dependência relativa, os dois pólos – a mãe e o bebê – esboçam um destacamento, e já é possível perceber os cuidados maternos, visto que a mãe começa a se configurar como uma pessoa diferente do bebê.

Caso o ambiente seja suficientemente bom, o bebê terá meios para lidar com as falhas maternas: a criação de um limite temporal para a frustração, a apreensão do sentido de processo, a atividade mental rudimentar, satisfações auto-eróticas e a

integração das experiências do passado, do presente e do futuro (Winnicott, 1971, p. 25).

As ausências da mãe poderão ser suportadas sem ameaçar a continuidade da existência da criança, desde que não sejam demasiado prolongadas. O sentimento de que a mãe existe tem um prazo de validade que pode ser um pouco adiado, mas nunca a ponto de produzir um trauma no bebê. Se a mãe demora muito a retornar, o bebê não consegue reter sua imagem, e sua ausência adquire o significado de morte, de aniquilação. Por estar identificado com a mãe, a própria criança sente-se ameaçada de desintegrar-se, e vê rompido o seu *continuar a ser*²⁵.

A separação mãe-bebê, a dissolução do bloco previamente presente, é um processo muito delicado, que deve transcorrer de forma gradual, a fim de que se preserve a área de ilusão conquistada. Ao se partir em direção à desilusão, deve-se haver experimentado muitas experiências de ilusão e onipotência, para que se tenha sempre a possibilidade, ao longo de toda a vida, de recorrer ao espaço intermediário.

A desilusão insere o teste de realidade e exige do bebê a verificação do que é eu e do que é não-eu, assim como o reconhecimento de que ele não pode controlar de forma mágica o que lhe é externo.

Os fenômenos e objetos transicionais propiciam o desencadeamento da separação, por funcionarem como símbolos de união. O bebê se apega a um objeto ou a um fenômeno transicional no momento em que a mãe se ausenta, pois lhe atribui um caráter de símbolo de união entre ele e sua mãe, o que permite o entendimento de que, apesar de ausente, a mãe continua viva.

²⁵ “O sentimento de que a mãe existe dura x minutos. Se a mãe ficar distante mais do que x minutos, então a *imago* se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união. O bebê fica aflito, mas essa aflição é logo corrigida, pois a mãe retorna em $x + y$ minutos. Em $x + y$ minutos, o bebê não se alterou. Em $x + y + z$ minutos, o bebê ficou traumatizado. Em $x + y + z$ minutos, o retorna da mãe não corrige o estado alterado do bebê. O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizaram contra a repetição da ‘ansiedade impensável’ ou contra o retorno do agudo estado confusional próprio da desintegração da estrutura nascente do ego” (Winnicott, 1971, p. 135-136).

A separação – para que não seja sentida como uma ameaça de aniquilação pelo bebê – é condicionada pelo objeto ou fenômeno transicional eleito, que simboliza diversas continuidades: continuidade do bebê com a mãe, com o mundo, continuidade dos cuidados maternos e continuidade da existência do bebê.

Os objetos e fenômenos transiticionais são pontes entre a psique individual e a realidade externa (Winnicott, 1955, p. 217), que amortecem o choque da separação, ao zelarem pela preservação da área intermediária de ilusão, onde a criatividade é sempre uma possibilidade do viver.

A arquitetura do lugar em que vivemos, além de conservar-se, é alargada com o amadurecimento do eu e a transposição do interesse pelos objetos e fenômenos transiticionais para todo o campo da experiência cultural.

O brincar, que é uma primitiva prática da criatividade, uma forma primordial de habitar a área intermediária, não é prerrogativa infantil, mas deve ser fruído pelo sujeito em qualquer idade²⁶.

A área de ilusão, ao ser preservada, proporciona ao sujeito a alternativa de se pôr em continuidade com o mundo, e criá-lo, assim como criar a si próprio. Esta criação, segundo Costa (2004, p.117), significa a captação seletiva dos aspectos das coisas do mundo úteis para a ação; e, ao agir no mundo, o sujeito confere significância (*meaningfulness*) ao desejo e realidade ao eu.

A criatividade, o brincar, demanda um espaço e um tempo próprios. É nesta área intermediária e nestes instantes que experimentamos a vida; este é o lugar em que vivemos.

²⁶ Diferentemente de Winnicott, que distingue o brincar como indicativo de saúde e não como uma dentre as defesas encarregadas pelo recalçamento pulsional, Freud toma o brincar como uma tentativa de barrar o excedente pulsional, principalmente o de caráter sexual (Costa, 2002).

A concepção do eu

Winnicott escreve que há diferença entre “eu” e “ego” em uma carta à sua tradutora francesa, Jeannine Kalmanovitch (Khan, 2000, p. 42), e define o eu como a pessoa única que se é, totalidade derivada do processo de amadurecimento, propiciado por um ambiente suficientemente bom, que sustenta e maneja. É o eu e a vida do eu que dão sentido ao viver, e o cerne do eu é a morada da criatividade.

“Eu” define um somatório de experiências tranqüilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade à quietude, e o estabelecimento da capacidade de espera por recuperações após os aniquilamentos derivados das reações a intrusões do meio (Winnicott, 1956, p. 405). Estabelece um início e equivale, também, a uma soma de inícios.

Em diversos momentos da obra, entretanto, coloca-se certa dificuldade em identificar no autor um uso muito criterioso do termo, o que, muitas vezes, acaba por provocar confusões e compreensões equivocadas.

Uma das maiores oportunidades de se vislumbrar sua posição diferencial, em comparação com outros autores da psicanálise, inclusive com o próprio Freud, é-nos dada no artigo “A Integração do Ego no Desenvolvimento da Criança” (1962).

Neste escrito, o eu é caracterizado por sua busca por integração, e pela dependência de uma mãe suficientemente boa para que este percurso em direção à maturação ocorra sem prejuízos para o sujeito. Também é apontada a indispensabilidade de um aparelho eletrônico intacto, para que o eu possa se estabelecer enquanto organizador das experiências vividas.

Para Winnicott, o id não é anterior ao eu, ou melhor, não faz sentido mencionar as experiências do id, caso estas não sejam organizadas pelo eu. O funcionamento do id

está subordinado à catalogação de experiências realizada pelo eu, que permite que a atividade instintiva – relacionada ao id – passe a ser tomada pelo sujeito como parte de sua vida. Antes de o eu estabelecer-se enquanto unidade, e abarcar, desta forma, estes impulsos instintivos, não se justifica falar em id, já que, para o bebê, os estímulos instintivos do id são vividos como tão exteriores quanto os estímulos provenientes do mundo.

O eu demarca o início da existência, e sua força varia de acordo com a capacidade da mãe em ser suficientemente boa e atender às necessidades psíquicas e físicas na fase de dependência absoluta.

Neste estágio, o bebê é constantemente ameaçado por ansiedades inimagináveis, tais como a desintegração, cair para sempre, não ter conexão alguma com o corpo e carecer de orientação; estas são as essências das ansiedades psicóticas. A mãe deve, nesse momento, se utilizar de sua identificação com seu filho, para tentar adivinhar suas necessidades e supri-las, de modo a garantir a continuidade do processo de maturação.

A maternagem – que molda um ambiente suficientemente bom – contribui para facilitar e dar suporte ao desenrolar das tendências herdadas de desenvolvimento. Estas são servidas por instintos, e não constituídas por eles.

O desempenho de Winnicott em descrever um desenvolvimento que desemboque na maturidade do eu, faz com que o autor pareça por vezes estar querendo defender o “verdadeiro” desenvolvimento, norma para todos os desenvolvimentos individuais.

Entretanto, o psicanalista, em sua obra, faz questão de lançar mão do termo “capacidade” em lugar de “posição” ou “estágio”, o que abre espaço para peculiaridades e idiossincrasias no desenvolvimento de cada sujeito. Além disso, a palavra adotada por

Winnicott, ao sublinhar uma possibilidade “armazenada”, borra a distinção entre atividade e passividade.

O desenvolvimento, em seu trajeto, vai compondo um repertório pessoal de capacidades, combinando-as de forma inclusiva. O crescimento deste repertório no sentido da maturidade inclui, igualmente, a reversibilidade de determinadas configurações como, por exemplo, a possibilidade de não-integração²⁷, disponível mesmo após a integração.

A tolerância crescente do processo contínuo de ilusão-desilusão-reilusão é uma das conquistas do desenvolvimento, secundária à idéia de processo, também adquirida.

Winnicott (1963, p. 82) escreve: “Todos os processos de uma criatura constituem um vir-a-ser, uma espécie de plano para a existência”. Os processos referidos podem denotar o desenvolvimento, a jornada em direção à maturidade emocional, que promove um alargamento do espaço transicional. Este é palco para a transição entre estar em continuidade com o mundo e estar separado dele. Esta transição, ao contrário do que se poderia pensar, não é transitória²⁸, mas constitui um espaço e um tempo abertos, um plano onde a existência nunca assume uma feição definitiva, mas se transfigura incessantemente, exibindo a fertilidade e a potencialidade criativas.

O desenvolvimento do eu apresenta três tendências principais – a integração, a personalização e as relações de objetos – que se concatenam com três aspectos da maternagem – cuidado, manejo e apresentação de objetos, respectivamente.

A integração está relacionada à entrada do sujeito nas dimensões do tempo e do espaço, e tem a ver com a presença física da mãe, que se disponibiliza para cuidar do

²⁷ A não-integração será abordada mais detidamente no tópico “A capacidade para estar só”.

²⁸ A independência e a separação do mundo nunca são atingidas na saúde. A socialização presente na maturidade denuncia a parcialidade da autonomia conquistada. Esta manutenção de vínculo com o mundo e de certa dependência se dá por meio da área de ilusão, onde a vida é infinitamente enriquecida.

bebê. Ela conforma o eu enquanto uma unidade que abriga o *eu* interno e repudia o *não-eu* externo. A membrana limitante entre o dentro e o fora é a pele, o que remete à personalização, que é a habitação, pelo bebê, do seu próprio corpo, e se dá por meio do manejo da mãe, do contorno que ela dá ao corpo do bebê ao segurá-lo, do mapeamento que ela faz quando toca partes desse corpo e instaura as zonas erógenas. A apresentação de objetos está relacionada à agressividade, à configuração do espaço transicional e ao exercício da criatividade, e compõe a experiência de onipotência que a mãe oferece ao bebê, deixando que ele se iluda ao acreditar criar os objetos que ela lhe apresenta.

É fundamental, nesse início das relações objetais, que a mãe cuide para que seu filho só experimente satisfações instintivas com a participação do eu, para que ele descubra e se adapte aos objetos externos por si próprio. Para tal, os objetos devem ser apresentados na medida em que o bebê possa criá-los, num ritmo mínimo, para que ele não se confunda e não tenha precocemente ameaçada sua frágil onipotência.

Apenas se a mãe for suficientemente boa e essas tendências conseguirem se desdobrar, o eu pode se delimitar enquanto um continente, algo da ordem de uma unidade integrada²⁹, que deposita, em consequência da adaptação ativa da mãe, confiança no ambiente à sua volta, e pode se engajar num viver criativo.

Com o sucesso das tendências de desenvolvimento, o *self*³⁰ pode emergir enquanto um psicossoma, enraizado no corpo e, por este motivo, ligado à vitalidade corporal.

²⁹ Vale lembrar, no entanto, que a integração nunca se conclui, de modo que se trata de uma unidade em aberto, em constante reconfiguração.

³⁰ É extremamente difícil distinguir “eu” de “*self*” na obra de Winnicott. Há intérpretes que passam ao largo desta distinção que Winnicott às vezes estabelece, às vezes abole em seu uso indiscriminado dos termos. Abram (1996, p. 221) tenta solucionar o impasse tomando o eu como um aspecto do *self* que tem como função organizar e integrar a experiência. No presente trabalho, as duas terminologias são usadas como sinônimos.

O *self* – que nos usa e comanda – é apenas potencial no bebê, e se estabelece como unidade psicossomática ao longo do processo de desenvolvimento, em que há uma apropriação das sensações e da motilidade, sustentada pelo meio facilitador.

Os fenômenos e objetos transicionais inauguram, no transcorrer do desenvolvimento, a ligação entre o pensamento ou a fantasmática³¹ – próprios à psique – com as funções corporais, compondo experiências que são igualmente físicas e não-físicas, e contribuindo, assim, para o arranjo do psicossoma.

A psique equivale à “elaboração imaginária (*imaginative*) dos elementos, sentimentos e funções somáticos, ou seja, da vitalidade física” (Winnicott, 1949, p. 333), dependendo, para isso, de um cérebro saudável. Todavia, cabe ressaltar que não se advoga nenhum reducionismo da psique ao cérebro, ou mesmo uma localização dessa no último. A fisiologia cerebral é apenas uma condição para a atividade psíquica descrita.

A mente, do ponto de vista winnicottiano, é uma função do psicossoma, uma especialização da parte psíquica que não existe enquanto entidade destacada na saúde. Ao dotar o bebê com compreensão e tolerância, a atividade mental lhe fornece a capacidade de transformar a falha da mãe suficientemente boa em êxito adaptativo, tanto no que se refere à vida do eu, quanto no que concerne às atividades instintivas.

O psicossoma assim constituído, que abrange o *eu* interno e repudia o *não-eu* externo, pode circular no espaço intermediário entre essas duas esferas, adornando sua existência e a do mundo por meio do fazer criativo.

³¹ “Fantasmática” assume, nessa passagem, o sentido de fantasia enquanto devaneio.

A capacidade para estar só

A capacidade para estar só é uma experiência extremamente sofisticada e adquirida depois das relações triádicas, com o declínio do complexo de Édipo. Para estar só, pressupõe-se um eu maduro e integrado, destacado do mundo, que tenha forma e vida, e confiança no ambiente benigno. A construção dessa capacidade deriva da possibilidade conquistada pelo bebê de introjeção do ego materno, que o leva a dispensar a presença da mãe ou do símbolo da mãe.

Em verdade, já é possível estar só num estágio muito inicial – em que o eu ainda não está integrado – com o suporte egóico da mãe. Sendo assim, a capacidade para estar só decorre de um paradoxo: estar só na presença da mãe.

A mãe suficientemente boa dispõe o seu eu no intuito de dar suporte ao eu imaturo da criança, para que esta se engaje na não integração, sem cair numa ansiedade impensável.

A não integração é o momento anterior à integração: no início, o eu era não integrado. Com o advento da integração, devido ao caráter inclusivo do desenvolvimento emocional, a não integração permanece enquanto uma alternativa para o indivíduo, desde que o ambiente seja confiável.

Com o suporte do eu materno, a criança pode relaxar, ficar momentaneamente amorfa, não integrada, e se abster de reagir ou agir no mundo. Monta-se, desta forma, o cenário para o aparecimento do impulso espontâneo e para a experiência instintiva.

Caso uma necessidade exija ser atendida neste momento, a mãe, que está disponível, proporciona a satisfação do id e o fortalecimento do eu. Com o mesmo objeto, ela dá fim ao desconforto derivado de uma demanda instintiva, e apresenta uma

oposição à agressividade de seu filho, sustentando seu exercício criativo, e conferindo realidade ao eu infantil.

A ocorrência paralela destas duas ordens de evento – cuidado materno e experiência instintiva –, se repetida diversas vezes, agrupa os pedaços destacados do bebê em uma pessoa, e fornece a ele a possibilidade de ser ocasionalmente um ser inteiro (Phillips, 1988, p. 79).

Somente quando inscrita desta forma nas experiências do eu, pode a atividade instintiva do id fazer parte da vida pessoal do sujeito. É por este motivo que o fator instintivo tem como alternativas auto-excludentes fortalecer ou enfraquecer o eu: se for catalogado pelo eu, o fortalece; caso contrário, é tido como uma interferência externa perturbadora e intrusa, que ameaça o eu de desorganização³².

Winnicott nomeia “ligado ao ego” ou “afinidade egóica” o tipo de relação em que a mãe oferece suporte ao eu rudimentar do bebê e permite uma catalogação das experiências que inclua a vida instintiva do id e ofereça como opção a não integração. Com este tipo de relacionamento, instaura-se uma confiança na mãe e futuramente no ambiente. O meio protetor é o único capaz de convidar o indivíduo à solidão compartilhada, em que a falta de tensão do id não aparece como ameaçadora.

Em geral, esta ausência de tensão do id – ou seja, a ausência de desejo – leva à ansiedade, pois há uma aniquilação temporária do objeto subjetivamente criado pelo desejo. Mas, no contexto de ligação com o eu, em que se dá a capacidade para estar só e ingressar no espaço transicional, esta ausência não denota ansiedade. Como a presença da mãe está momentaneamente garantida, o bebê pode relaxar e ficar não integrado, até que se crie um novo objeto, no espaço transicional, a ser encontrado.

³² Essa desorganização se refere às ansiedades impensáveis ou psicóticas: desintegração, despersonalização e falta de orientação espaço-temporal.

Como já sublinhado anteriormente, o espaço transicional constitui, segundo Costa (2004, p. 101) o “tempo em que o objeto do desejo está ausente do campo de ação do sujeito”. Para que esta suspensão da ação no mundo seja vivida sem que o sujeito seja vítima de enormes ansiedades, este deve estar imerso numa esfera de relaxamento. É justamente neste contexto temporal e espacial de não integração e amorfia, que surge o impulso pessoal. Este não é desperdiçado, uma vez que há sempre alguém por perto – no desenvolvimento emocional primitivo, encarnado pela figura da mãe suficientemente boa – para apresentar um objeto no momento da ação e endossar a experiência criativa.

A partir desta linha de pensamento, compreende-se porque Winnicott define a liberdade como liberdade em relação à excitação corporal, pois é apenas diante da abolição momentânea da ansiedade por satisfação instintiva, que se instaura o tempo do relaxamento e da não integração, indispensáveis ao fazer criativo que dá sentido à vida.

As experiências, sustentadas pela mãe confiável, de relaxamento e de brincar criativo, quando somadas, formam a base do sentimento de eu (*self*). Nessas condições, em que tudo é criativo, o indivíduo pode compor uma unicidade do eu, que expressa o EU SOU³³, o sentimento de estar vivo, de ser o próprio eu.

O sentimento do eu (*self*) deriva de um estado de não-integração que só pode ser recordado pelo sujeito, pois a mãe espelha de volta para ele sua experiência criativa.

A busca do eu ocorre a partir do tiquetaquear amorfo do brincar primitivo, da ocupação da área intermediária, zona neutra de relaxamento e experimentação. O fazer criativo, possibilitado pela não integração, é refletido para o bebê por sua mãe, o que faz com que se postule a existência do eu (*self*).

A presença da mãe confiável nos primórdios da vida infantil abre caminho para que a confiança se espalhe por todo o ambiente, o que garante a sobrevivência do

³³ O EU SOU – ou SER – se refere ao elemento feminino da criatividade, tema que será desdobrado em um tópico à frente.

espaço de vida do eu – o espaço potencial da criatividade – que fica disponível para que o sujeito o habite assim que só, relaxado e de volta ao estado anterior à integração do eu, a não-integração, a amorfia.

A continuidade da existência

A continuidade da existência³⁴ é um sentimento de unicidade de si, experimentado quando se erigem as pontes que ligam os espaços e os tempos da experiência criativa. O sujeito sente seu “continuar a ser” em simultaneidade com a interação do *self* com o meio, e com a combinação do passado, do presente e do futuro. Derivam desta continuidade do existir o versar de uma narrativa de si histórica e o preenchimento do viver com um valor e um sentido dos quais o sujeito torna-se convicto. As experiências são, assim, qualificadas e revestidas de significância (*meaningfulness*), o que implica numa singularidade e apropriação pessoal do que é vivido. Por desempenhar este papel, a continuidade da existência é o “estofado do valor da vida” (Costa, 2002, p. 7).

A união da realidade subjetiva das experiências passadas com a realidade objetiva das experiências futuras no espaço transicional é um dos principais fatores determinantes do sentimento de continuar a ser. Aí se dispõem as pontes entre o psíquico e o físico, entre o dentro e o fora, entre o passado e o futuro. Esta área intermediária de repouso é fundamental, pois nela se localiza a ilusão, única ancoragem possível para a continuidade do ser, já que, por um lado, o espaço interno da fantasia

³⁴ São sinônimas de continuidade da existência as expressões “continuidade do ser” e “continuar a ser”.

não oferece muita resistência e, por outro, o mundo externo objetivo não é plástico o suficiente para os jogos criativos.

O sentimento do *self*, o sentir-se real, o SER, se estabelecem como características do indivíduo, tendo como palco a continuidade temporo-espacial do existir. Um “suficiente continuar a ser” (Winnicott, 1956, p. 403) do bebê, que não seja interrompido pela necessidade de reagir ao ambiente intruso, é condição *sine qua non* para o estabelecimento de um *self*. A mãe suficientemente boa é quem, por meio de seu suporte ao eu rudimentar infantil e de sua dedicação, é responsável por conformar um ambiente confiável e propício à continuidade da existência. Num ambiente assim composto, o bebê desenvolve a habilidade de reter a mãe na mente por períodos de tempo limitados, mantendo-se distante das ansiedades impensáveis. Mesmo durante as ausências maternas, ele não se sente ameaçado e tem a sua continuidade assegurada, porque essas ausências não mais significam a morte.

A satisfação motora da agressividade ao se deparar com a oposição dos objetos externos – o exercício do brincar – está intimamente ligada à continuidade da existência, cujo envolvimento com o princípio do prazer não é indispensável. O fazer criativo reafirma, em mais essa perspectiva, a primazia que assume no pensar winnicottiano.

Na visão deste autor, o trauma consiste na ruptura da continuidade da existência, que é um estado de profundo desconforto físico-mental, primeiro em relação à frustração sexual. O sexual, para ele, só é traumático se não puder ser incluído na organização do *self*. Neste ponto, percebe-se mais uma evidente ruptura com a teoria freudiana, na qual o mais fundamental na vida é a descarga sexual, e não a continuidade da existência postulada por Winnicott.

Pode-se compreender, agora ainda mais claramente, a delicadeza da função materna de desilusão. A experiências de ilusão tem de haver sido suficientemente bem

vividas e a área intermediária de experimentação deve estar arquitetada sobre firmes colunas de sustentação. Caso contrário, se a falha materna se der precocemente, há um trauma, uma ameaça de aniquilação, uma ruptura no continuar a ser do bebê, e criam-se obstáculos para o viver criativo e para o SER.

Ser e fazer: as faces feminina e masculina da criatividade

Winnicott mais uma vez discorda do pai da psicanálise, ao delinear sua noção de criatividade. Freud entende a criatividade como a sublimação da sexualidade infantil, realizada principalmente por adultos. Winnicott, diferentemente, considera a criatividade primária, pré-sexual, e característica da relação de reciprocidade do bebê com a mãe suficientemente boa.

Para o autor inglês, a criatividade é um impulso inato que, caso atualizado em experiências, reveste a vida de colorido e vitalidade, e faz com que o sujeito torne-se convicto³⁵ de que viver vale a pena. Trata-se de uma proposição universal, que tem a ver com a abordagem do indivíduo ao mundo externo, no caso dos fatores ambientais possibilitarem a saúde.

A bissexualidade humana, na teoria winnicottiana, está remetida à criatividade em seus aspectos feminino e masculino. Tanto homens quanto mulheres são portadores dos dois elementos, que convivem mesclados entre si, mas são analisados separadamente a título de sistematização teórica.

³⁵ Está sendo tomada de empréstimo a idéia ferencziana de “convicção”, que denota uma certeza que deriva de uma vivência, de uma experiência afetiva, e não de uma aferição intelectual.

O elemento feminino corresponde à experiência de SER e a uma relação caracterizada pela identidade, e desembocará, no futuro, no sentimento do eu (*self*). O masculino está ligado à experiência de FAZER e à vida instintiva; constitui o brincar.

Antes da integração, quando o bebê tem com a mãe suficientemente boa uma relação de dependência absoluta, ele se identifica com ela, ou com o seu seio, de forma que ele é o seio. Neste momento, a experiência de ser significa ser juntamente com outros seres humanos (Abram, 1996, p. 239), pois todos os objetos apercebidos pelo sujeito são subjetivos e compõem o eu. A diferenciação entre o eu e o não-eu ainda não teve início, e só há relação por meio da identidade.

Quando o bebê encontra o seio, isto é, quando sua mãe lhe apresenta o seio, este está incluído no *eu* rudimentar infantil, de forma que o bebê tem a sensação de ter encontrado a si mesmo, pois ele é o seio, o sujeito é o objeto na relação de identificação primária.

Ao alucinar o seio, ao criá-lo a partir de seu desejo, é indispensável que o bebê tenha à sua disposição uma mãe preocupada e devotada que lhe apresente o seio, e permita que o bebê encontre a si mesmo no objeto, pois somente assim ele terá acesso a uma das mais simples e fundamentais experiências humanas: a experiência de ser.

O elemento feminino é de grande contribuição para a possibilidade de organização do eu e conquista do sentimento do eu. Contudo, a potencialidade criativa deve receber suporte do ambiente confiável, da mãe, que tem como função crucial refletir para o bebê o que ela vê: que ele é. O bebê só pode existir verdadeiramente se sua mãe voltar seu olhar para ele e atestar sua existência, espelhando de volta o que ela percebe. A mãe é o árbitro da verdade do bebê, pois o seu êxito em funcionar como espelho da existência espontânea do bebê é o que vai permitir a emergência de seu verdadeiro *self* e, conseqüentemente, de uma vida significativa (*meaningful*).

O elemento masculino é mais tardio do que o feminino e depende da integração do eu, já que está relacionado à atividade do id, à qual só se pode levar em consideração caso esteja incluída na organização do eu.

A separação é uma condição para o fazer criativo. Este, ao mesmo tempo em que pressupõe uma distinção entre eu e não-eu, a acentua por meio da satisfação dos impulsos, conduzindo o bebê à objetivação dos objetos externos.

O brincar é justamente o que compõe o elemento masculino da criatividade, pois já caracteriza um uso de objeto, ou seja, uma separação sujeito-objeto, onde a criação já perdeu seu caráter de controle onipotente e se transmutou na satisfação motora das manipulações.

Submissão: o avesso da criatividade

Até aqui, foi descrito o desenvolvimento que conta com uma mãe suficientemente boa e um ambiente suficientemente bom. O *self* verdadeiro, diante das provisões ambientais, não precisa reagir a intrusões vindas de fora, e encontra espaço para agir, sendo a vida do sujeito permeada por espontaneidade, autenticidade, vitalidade e originalidade criativa.

A predominância do verdadeiro *self* abrange a fusão dos elementos agressivos com os eróticos no espaço transicional, e engendra o desenho permanente das formas subjetivas e objetivas por meio da espontaneidade.

Phillips (1988) adverte que a noção winnicottiana de verdadeiro *self* pode ser interpretada como essencialista por supostamente propor um modelo de existência.

Entretanto, há atenuantes, uma vez que não há descrição do que é ser um homem ou uma mulher.

Jordão (2004, p.15) argumenta que os conceitos de falso e verdadeiro *self* são descritivos e não ontológicos, e Costa (2002, p. 8) concebe o verdadeiro *self* como “uma noção naturalista e pragmática”, mantendo-o à distância segura da metafísica.

O próprio Winnicott (1971, p.95) faz questão de inserir sua teoria no contexto histórico da época em que foi escrita, o que a torna aberta a modificações, ou mesmo ao abandono, quando o momento histórico em questão for outro. Sua sugestão será aceita neste trabalho e o verdadeiro *self* será lido apenas como um agente da prática criativa, esvaziado de qualquer conteúdo essencialista a-histórico.

O potencial criativo apenas se transforma em experiência por meio da agressividade do verdadeiro *self*, sustentada pela dedicação materna. Caso a mãe não seja suficientemente boa, o bebê tem que se empenhar em reagir ao ambiente intruso, ao invés de agir espontaneamente. Essa reação custa a continuidade da existência do bebê e a sua experiência de ser. O resultado é uma organização falso *self*, que funciona como uma defesa contra o impensável: a exploração e aniquilação do verdadeiro *self*.

O falso *self* é o produto da inabilidade da mãe em atender às necessidades de seu filho, sua incapacidade de ingressar no estado de preocupação materna primária e se identificar com a criança recém-chegada ao mundo. Essa impossibilidade da mãe de adaptar-se ativamente – que já é fruto de seu próprio desenvolvimento emocional primitivo – faz com que ela se torne demandante e incite seu filho a elencar estratégias de submissão para proteger o eu da ameaça de aniquilação.

O bebê que dá forma ao falso *self* não teve tempo de edificar uma área de ilusão consistente, pois foi desiludido precocemente, assim como privado de seus exercícios onipotentes cedo demais. Passou por experiências às quais não pôde atribuir sentido

como, por exemplo, uma ausência demasiado prolongada da mãe, vivida como sinônimo de sua morte.

A perda traumática dos objetos e fenômenos transicionais³⁶ implica numa ruptura do continuar a ser, e na adoção de padrões programados de ação pelo falso *self*, numa busca de se armar contra o imprevisto aterrador: a desorganização do eu.

Phillips (1988, pp. 133-134) designa três funções do falso *self*: 1) atender às demandas da mãe, na medida do possível; 2) esconder e proteger o verdadeiro *self*, por meio da submissão ao meio; 3) ser uma ama-seca e cuidar do bebê.

A terceira função – a única ainda não abordada – ocorre com uma hiperatividade do funcionamento mental: a mente entra em oposição com o psicossoma, e passa a desempenhar a tarefa, caracteristicamente ambiental, de cuidar do psicossoma.

O grande problema deste tipo de distorção do eu é quando o falso *self* se torna a única existência possível, excluindo a alternativa de convivência com o verdadeiro *self* (Jordão, 2004, p. 16).

Onde há esta separação muito demarcada entre o falso e o verdadeiro *self*, verifica-se uma certa pobreza na vida cultural, no fazer criativo, no brincar. Tais pessoas são incapazes de estar só, de relaxar, de se concentrar na realização de algum empreendimento. Além disso, suas experiências eróticas têm fraca participação da motilidade agressiva ligada ao fazer criativo, o que produz uma sensação de vazio subjetivo, de inexistência.

Existem graus de organização falso *self*: desde casos graves, em que fica oculta toda e qualquer referência ao que é significativo (*meaningful*), real, pessoal, original e criativo, e viver ou morrer torna-se indiferente; até o equivalente do falso *self* na saúde,

³⁶ “O bebê que perde seu objeto transicional perde de uma só vez a boca e o seio, a mãe e a pele da mãe, a criatividade e a percepção objetiva. Esse objeto é uma das pontes que tornam possível um contato entre a psique individual e a realidade externa” (Winnicott, 1955, p.217).

o *self* conciliador do convívio social, que só se forma quando o verdadeiro *self* já é uma realidade viva.

A submissão ao meio – simetricamente oposta à relação criativa com o mundo externo – vem acompanhada de um sentimento de irrealidade e de inutilidade, que priva a vida de seu valor. Os três espaços do viver ficam empobrecidos, pois o interno e o externo não contam com a ponte de comunicação da ilusão, da qual o bebê foi privado antes do tempo de terminar de conformar sua área de repouso e experimentação.

A organização falso *self* é fruto dos terrores da dependência e da ameaça de desintegração. Para se defender, o bebê sacrifica a continuidade da mente com o psicossoma, a escrita de sua história no tempo, e um relacionamento criativo consigo e com o mundo externo. O sentimento de inexistência corresponde a uma vida incorpórea, inextensa e a-histórica: fora do corpo, do espaço e do tempo.

O traumático, para Winnicott, é a ruptura da continuidade do sujeito com as suas experiências, com o que lhe concerne, lhe é próprio, peculiar, singular e, por isso, deveria preencher sua existência, dar sentido à sua vida. Mas a mais fundamental das experiências, a experiência de ser, para a organização falso *self*, já não é possível. Viver é uma caminhada oca pelas trilhas irreais de uma galáxia inanimada e imune ao sopro vital dos ritmos temporais.

A concluir:

Esboço das conseqüências éticas da criatividade

Pélbart (2003) expõe o cenário contemporâneo como profundamente marcado pelo capitalismo e por sua principal forma de manifestação atual: o comércio das

subjetividades. As estratégias mercadológicas se organizam, cada vez mais, para ofertar, como produtos de consumo, as formas de vida. Proliferam-se as vendas de maneiras de ver, sentir, pensar, perceber, morar, vestir, e mesmo aparentar fisicamente – como pregam os ditames midiáticos do corpo perfeito.

Estes ideais de eu, que circulam pelos interstícios do tecido social e atingem uma parcela significativa dos sujeitos, são manifestações do biopoder, de um poder sobre a vida, por meio do qual o capital tenta insistentemente capturá-la.

Em contrapartida, a vida resiste. A irredutibilidade da dimensão da vida ao biopoder, ou seja, sua resistência à dominação, tem como motor o que Deleuze postulou sob a denominação de biopotência, isto é, o poder de invenção, a potência criadora da vida.

A abordagem foucaultiana do biopoder, na década de 1970 – sem o desenvolvimento teórico adicionado posteriormente por outros pensadores – indica a existência da resistência, mas lhe reserva pouco espaço na rede social de relações estratégicas de poder. Ortega (1999, p. 34) entende o estudo da ética, empreendido por Foucault na década seguinte, como um deslocamento de seu foco de abordagem no intuito de cavar um âmbito para a resistência³⁷.

Ética, para o Foucault dos anos 1980, é a relação consigo por meio de práticas. Esta concepção deriva de uma análise da Grécia pagã e dos primórdios do cristianismo, que proporciona como principal contribuição a sustentação da historicidade das práticas de si, da ética e da própria concepção de sujeito. O que está aí sublinhado é a potência de transformação de cada momento histórico, e a multiplicidade de formas de sujeito e de vida.

³⁷ Ao abordar rapidamente a questão do biopoder em uma entrevista publicada em 1984 – *Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité* –, Foucault aponta a resistência como primeira em relação ao poder, e sublinha sua potencialidade de reorganização da rede social, ou seja, sua possibilidade de criar novas relações, o que está em consonância com a leitura de Ortega.

Sendo assim, a ética – para defini-la mais precisamente – é uma forma de se relacionar consigo, que é fruto de um momento histórico, cujas práticas são tão efêmeras quanto o passar das décadas. O sujeito, por sua vez, não porta nenhuma essência, não está dado, mas deve ser criado – o autor sugere – como uma obra de arte.

A constatação de Foucault, ao estudar as éticas e os sujeitos de outras civilizações, é que temos ao nosso lado o ritmo da história, que nos transforma em potências criadoras de novas relações consigo e com os outros, de novas maneiras de estar no mundo, de novas formas de ser como sujeitos. Foucault, pelos atalhos da ética, desemboca num cruzamento com a biopotência proposta por Deleuze e citada por Pélbart, ao atribuir relevo ao caráter criativo do viver.

No que tange a esse aspecto, uma outra entrada ao problema se faz possível pela via da psicanálise. É justamente neste ponto que se insere a teoria de Winnicott, autor que vem em auxílio da sociedade contemporânea, em sua urgência por criações de vida, por vidas criativas, que se contraponham a uma relação de submissão aos ideais sociais impostos.

Em sua obra – nascida de um fazer clínico muito atento e dedicado – o psicanalista inglês não cansou de discorrer sobre os pólos opostos da submissão e da criatividade, enquanto alternativas avessas de relação com o mundo, com a sociedade.

A submissão caracteriza-se por uma complacência ao meio, uma aceitação das imposições sofridas, que enfraquece a vitalidade e esvazia o sentimento de continuidade da existência. A vida descolore-se e restringe-se à repetição automática de gestos padronizados e estereotipados, condenando o sujeito ao vagar despropositado de um morto-vivo.

A criatividade, por sua vez, é o império do motor espontâneo da vida, da força agressiva que desbrava o mundo em busca do novo e conquista espaços cada vez

maiores para o viver. Insere o sujeito numa abertura para experiências que o agraciam com o sentimento de ser, de existir de forma sempre revigorada, de estar em perpétua transfiguração.

Estas duas formas de estar no mundo podem ser usadas como instrumentos de compreensão do sujeito contemporâneo, assim como de sua ética como possibilidade de resistência.

Na perspectiva winnicottiana, para escapar da captura desvalorizadora da vida, só há um caminho: a criação. Assim como fizeram Foucault e outros autores inspirados por seu trabalho – mas evidentemente, de uma forma inteiramente distinta –, Winnicott também vê no potencial criativo da vida, a ancoragem de sua resistência à imposição de demandas do meio.

É nesse sentido que Costa (2004) pode falar em uma ética criadora como possibilidade de superar a compulsão de identificação com os ideais sociais, e de alargar o espaço do viver, por meio das experimentações do brincar.

A ética criadora – ou criatividade ética – faz ventilar pelas redes sociais novos ares: os ares de uma existência sempre renovada, em que as experiências tornam a vida cada vez mais densa, digna de ser vivida e irremediavelmente incapturável.

BIBLIOGRAFIA

ABRAM, J. (1996). *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro, Revinter, 2000.

BIRMAN, J. *Entre cuidado e saber de si*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.

CLANCIER, A. & KALMANOVITCH, J. *Le paradoxe de Winnicott*. Paris, Payot, 1984.

- COSTA, J. F. Criatividade, transgressão e ética. In: PLASTINO, C.A. (org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2002.
- _____. O uso do corpo como objeto transicional. In: *O vestígio e a aura*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.
- DELEUZE, G. & PARNET, C. (1978) Da superioridade da literatura anglo-americana. In: *Diálogos*. São Paulo, Escuta, 1998.
- FERENCZI, S. (1926). Contra-indicações da Técnica Ativa. In: *Escritos Psicanalíticos 1909-1933*. Rio de Janeiro, Taurus-Timbre, 1988.
- FITZGERALD, F. S. (1936) A derrocada. In: *A derrocada e outros contos e textos autobiográficos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.
- FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: MACHADO, R. (Org.). *Microfísica do poder*. São Paulo, Graal, 1979.
- _____. Poder-corpo. In: MACHADO, R. (Org.). *Microfísica do poder*. São Paulo, Graal, 1979.
- _____. Aula de 17 de março de 1976. In: *Em defesa da sociedade – Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- _____. Direito de morte e poder sobre a vida. In: *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. São Paulo, Graal, 1988.
- _____. (1980) Verdade e subjectividade (Howison Lectures). In: *Revista Comunicação e Linguagens*, Lisboa, Edições Cosmos, n. 19, pp. 201-223, dezembro de 1993.
- _____. Tecnologias del yo. In: MOREY, M. (Org.). *Tecnologias del yo*. Barcelona, Paidós/ICE-UAB, 1996 (conferências pronunciadas em 1982-C).

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. (Orgs.). *Michel Foucault na trajetória filosófica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995 (entrevista publicada em 1983-A).

_____. Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité. In: *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 1994, v. 4 (entrevista publicada em 1984).

_____. Política e ética: uma entrevista. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004 (entrevista publicada em 1984).

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004 (entrevista publicada em 1984).

_____. Uma estética da existência. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004 (entrevista publicada em 1984).

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004 (entrevista publicada em 1988).

FREUD, S. (1914) – Introdução ao Narcisismo. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, Vol 14. 1996.

_____. (1920) – Além do Princípio de Prazer. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, Vol 14. 1996.

_____. (1930) – Mal-estar na civilização. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, Vol 14. 1996.

JORDÃO, A. Quando Nietzsche encontrou Winnicott. Inédito, 2004.

- KHAN, M. Introdução. In: WINNICOTT, D. W (1958) – *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. Toucher pour voir. In: *Nouvelle Revue de Psychanalyse: Effets et Formes de l'illusion*. Paris, Gallimard, Automne 1971, n. 4.
- ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. São Paulo, Graal, 1999.
- PÉLBART, P. P. *Vida capital – Ensaio de biopolítica*. São Paulo, Iluminuras,
- PHILLIPS, A. *Winnicott*. Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 1988.
- _____. O flerte. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- PINHEIRO, T. Num tempo sem ilusão. In: *IV Fórum Brasileiro de Psicanálise – A cultura da ilusão*. Rio de Janeiro, (Org. Naira Sanpaio), 1997, p. 41-45.
- _____. Sublimação e idealização na obra de Freud. In: *Cadernos de Psicanálise*, p.11-24, nº18, SPCRJ, 1999b.
- _____. Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade. In: *Revista Psyché*, nº 9, São Paulo, junho de 2002, p. 167-176.
- _____. Tornar-se uma outra na histeria e ser uma outra no falso *self*. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, Vol. VII, nº1, São Paulo, março de 2004, p. 9-19.
- PORTER, E. H. (1913). *Poliana*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- WINNICOTT, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In: *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. (1950). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

- _____. (1952). Psicoses e cuidados maternos. In: *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. (1949). A mente e sua relação com o psicossoma. In: *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. (1956). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. (1958). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- _____. (1967). O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- _____. (1970). A cura. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- _____. (1986). Vivendo de modo criativo. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- _____. (1955). Influências de grupo e a criança desajustada. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.